

A TROCA DOS PARVOS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 06.04.1982

O recrudescimento da taxa de inflação nestes primeiros três meses do ano são uma demonstração cabal da inadequação da política monetarista colocada em vigor no Brasil no final de 1980. De janeiro a março de 1982 a inflação acumulada foi de 21,8% contra 24,1% em igual período do ano anterior. Analisando-se este resultado, ou seja, projetando-se a inflação destes três meses para o ano, temos 120,1% de inflação. Definitivamente um resultado lamentável.

Mas é especialmente lamentável se a pequena redução na taxa de inflação for comparada com a grave recessão que atinge este país em 1981. Pela primeira vez desde 1929 tivemos uma taxa de crescimento da renda nacional negativa: pelo menos 3,7%. Se um crescimento razoável para períodos de crise for 3,5% (cerca de metade da taxa média de crescimento dos últimos trinta anos), a perda para o país foi de pelo menos 7%.

Sem dúvida em economia, mais do que em qualquer outra área, é preciso pensar em termos de trocas, de trade-offs. Nada é gratuito neste mundo e geralmente é preciso sacrificar alguma coisa para se obter outra.

Mas a troca que os economistas governamentais propuseram ao país recessão em troca de redução da taxa de inflação (e equilíbrio da balança comercial) não parece ter sido das mais razoáveis. Em uma troca é preciso perder de um lado para ganhar do outro. No caso da troca de recessão por queda na taxa de inflação, se admitirmos que através de um efetivo controle seletivo de importações estas poderiam ser reduzidas, fica óbvio que apenas perdemos: fizemos a clássica troca dos parvos.

Este resultado já estava previsto por quem conhece o caráter oligopolista e cartelizado das economias modernas. A inflação só sofreu uma queda razoável no último trimestre de 1981 graças à existência de um setor competitivo, principalmente a agricultura, que suportou o principal ônus da política monetarista. Enquanto os setores oligopolistas

aumentavam seus preços muito mais do que a inflação, os setores competitivos, formados por pequenas e médias empresas inclusive agrícolas, eram obrigados a aumentar muito menos seus preços.

Agora tudo indica que esses setores competitivos, que sofreram uma grande perda em termos de preços, estão procurando elevar seus preços e recompor suas margens como condição de sobrevivência. Com base nos dados do primeiro bimestre do ano devidamente anualizados, tivemos que alguns setores competitivos como os tecidos e vestuários e a indústria metalúrgica tiveram grandes crescimentos de preços (142% e 134% respectivamente), enquanto os setores oligopolizados como veículos e eletrodomésticos apresentavam crescimento menores (77% e 40% respectivamente).

Não pretendo com isso dizer que uma recessão não possa liquidar com a inflação. É claro que pode. Mas em uma economia como a brasileira, que além de cartelizada é amplamente indexada, a eficiência desse remédio é muito pequena. É preciso uma recessão muito forte e muito prolongada, ou seja, uma depressão, para que as margens de lucro e os preços caiam.

Resta saber agora se da recessão iremos para a depressão. Tudo indica que afinal chegamos ao fundo do poço. Há sinais de que a econômica começa a se recuperar graças a seu próprio dinamismo. Mas se esta recuperação for obstada em nome novamente do combate à inflação, entraremos em depressão.

Já fizemos uma troca de parvos, não é o caso de fazer outra: perdemos muito em troca de muito pouco. Mas para evitar isto é necessário encontrar novas formas de combater a inflação e equilibrar a balança comercial compatíveis com a necessária retomada do crescimento econômico. Essas formas existem. Infelizmente, entretanto, não parece que os economistas oficiais e aqueles empresários que lhes dão obediente apoio tenham capacidade ou condições políticas para formulá-las e pô-las em prática. (06/04)